

PODER REVELADO: o simbolismo religioso como instrumento de hierarquização e dominação em Angola Janga: uma história de palmares

CAMILLO PRISCO SANTOS OLIVEIRA
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

VALQUÍRIA DIAS DE ALMEIDA
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo: O presente estudo examina o papel do simbolismo religioso na *graphic novel* Angola Janga: uma história de Palmares, de Marcelo D'Saete, e como esses elementos influenciam as relações de poder e dominação. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo da obra, cujo gênero é a história em quadrinhos, em conjunto com referências teóricas como Foucault (1997), Ramos (2020), Betolucci (1997) e Silva (2011). Analisaremos como elementos religiosos, tanto verbais quanto não verbais, são representados e explorados na obra. Além disso, são discutidos os modos de dominação por meio da religião. A análise ressalta como a religião foi utilizada como uma ferramenta de controle e legitimação do poder colonial, silenciando vozes negras e apagando suas identidades culturais. O estudo também examina o processo de formação da identidade dos personagens e como a religião influencia esse aspecto. São destacadas as tentativas de resistência e reafirmação da identidade primária por meio da negação dos símbolos religiosos do colonizador. Por fim, visamos analisar criticamente o modo como a obra aborda essas questões e contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a formação cultural e religiosa do povo brasileiro.

5123

Palavras-chave: Dominação. Identidade. Simbolismo Religioso.

Abstract: The present study examines the role of religious symbolism in the graphic novel "Angola Janga: uma História de Palmares", by Marcelo D'Saete, and how these elements influence relations of power and domination. The research adopts a qualitative approach, using content analysis of the work, whose genre is comic books, together with theoretical references such as Foucault (1997), Ramos (2020), Betolucci (1997) and Silva (2011). We will analyze how religious elements, both verbal and non-verbal, are represented and explored in the work. Furthermore, modes of domination through religion are discussed. The analysis highlights how religion was used as a tool to control and legitimize colonial power, silencing black voices and erasing their cultural identities. The study also examines the process of character formation and how religion influences this aspect. Attempts at resistance and reaffirmation of primary identity through the denial of the colonizer's religious symbols are highlighted. Finally, we aim to critically analyze the way in which the work addresses these issues and contribute to a broader reflection on the cultural and religious formation of the Brazilian people.

Keywords: Domination. Identity. Religious Symbolism.

Introdução

Tendo em vista a importância dos aspectos religiosos e seus desdobramentos na formação do indivíduo, somado ao fato de como os símbolos religiosos dão subsídios ou reforçam as relações de poder, examinaremos como o simbolismo religioso é revelador da hierarquização e consolidação do poder em Angola Janga: uma história de Palmares, de autoria de Marcelo de Salette. Escolhemos esta obra, cujo gênero é História em Quadrinhos (HQ), conforme um de seus desdobramentos, a *Graphic Novel* (Novela Gráfica) - romance com maior complexidade narrativa e destinado ao público adulto - para servir como objeto de análise.

Tentaremos reforçar a importância das linguagens verbais e não verbais nos discursos religiosos presentes na história e reconhecer como a produção desses discursos podem apagar, ou reforçar questões identitárias, assim como entender como a simbologia religiosa foi importante ferramenta de poder e dominação desde a formação do Brasil. A escolha desta obra e deste autor deu-se por entendermos que os autores contemporâneos, por meio de gêneros subestimados, como os quadrinhos, podem trazer uma bagagem gigantesca de conteúdo e informações, ademais procuramos demonstrar aos leitores que, atualmente, temos figuras representativas no campo literário, que podem ser acessadas por eles via diversas mídias.

Esperamos que este estudo possa contribuir para a compreensão de que, desde nossa origem, predomina em nosso país a orientação religiosa cristã. Entretanto, o processo de formação da identidade nacional não foi uniforme nem homogêneo, desenvolveu-se carregado de diversidade, tanto dos povos indígenas como dos povos sequestrados das nações africanas, na condição de escravizados. Embora a HQ selecionada para estudo traga influências de ambos os povos, a predominância da simbologia dos negros é mais evidente. Considerando, ainda, a brevidade deste estudo seria irrealizável tratarmos de ambas intervenções, razão pela qual procuramos demonstrar a importância não só de se fazer reconhecer essas contribuições dos africanos, mas de torná-las vivas e ocupantes de um espaço cada vez mais relevante para nossa formação cultural.

METODOLOGIA

O sucesso na realização de uma pesquisa inicia-se pela forma como ela é conduzida e estruturada, portanto, a metodologia aplicada é de crucial importância para que se obtenha êxito

nesse projeto, ela norteia e dá suporte para que os objetivos sejam, integralmente, alcançados. Para tanto, Gil (2002) nos alerta que a análise desses dados deve seguir um modelo conceitual e operativo da pesquisa. Tomamos como base a pesquisa classificada como explicativa, do tipo bibliográfica, que é aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituída principalmente de livros e trabalhos científicos” (Gil, 2002). Para fundamentar nosso processo de construção e análise crítica utilizamos a abordagem qualitativa, para análise dos dados, em que são analisados tanto o conteúdo, quanto os discursos presentes na obra, esse tipo de pesquisa nos permite abranger um universo de fenômenos mais amplo do que se teria em outra modalidade.

Partindo dessa premissa, lançaremos um olhar crítico sobre a obra *Angola Janga*: uma história de Palmares, de Marcelo D’Saete, observando como os elementos e discursos de cunho religioso, foram fundamentais para a implantação, e posterior reforço, de uma cultura dominante baseada nos ideais europeus. Foucault (1997) foi essencial para nos apresentar como a construção de um cenário propício para a disseminação desses ideais foi cirurgicamente pensado, na medida que serviu como terreno fértil para validar o processo de dominação e manutenção do poder. Nos amparamos em Ramos (2020) para conceber que esse domínio valeu-se das diversas formas textuais, verbais e não verbais, orais ou imagéticas, para sua concretude e como os quadrinhos são uma importante ferramenta para mediar essa análise crítica. Por meio de Betolucci (1997), conseguimos enxergar como o silenciamento das manifestações culturais e religiosas são táticas utilizadas na tentativa de apagamento das identidades “primárias”, e como os quilombos tornaram-se porta-voz nessa retomada de valores. Baseados nos escritos de Bourdieu (2012), destacamos o papel das ideologias, como a religião, na reprodução das relações de poder, enfatizando como a cultura dominante serve aos interesses particulares da classe dominante e reforça sua integração e distinção das outras classes.

Em suma, buscamos através desse estudo trazer um material relevante que possibilite, por meio dos referenciais teóricos utilizados, avaliações críticas acerca do tema abordado. A intenção é de que esses materiais deixem claros nosso ponto de vista e corroborem com as ideias delimitadas por nós, partindo do pressuposto de que essa discussão é de extrema importância no que diz respeito à formação cultural e religiosa do povo brasileiro.

ANGOLA JANGA: UMA ANÁLISE DE SUAS ENTRELINHAS

Angola Janga, “pequena Angola”, ou como nomeiam os livros de história, Palmares, foi como um reino africano dentro da América do Sul por mais de cem anos. Macaco, a capital de Angola Janga, tinha uma população equivalente a algumas das maiores cidades brasileiras da época, chegando a ter quase a quantidade de habitantes de Recife. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu em tamanho e importância, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Transitou, concomitantemente, entre dois universos, foi alvo do ódio dos colonizadores em um e vista como símbolo de liberdade para os escravizados em outro. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra.

Marcelo D’Saete é autor de histórias em quadrinhos, ilustrador e professor, graduado em artes plásticas e mestre em história da arte, produziu, também, outros trabalhos lançados em diversos países, já foi amplamente premiado por suas obras, sendo uma delas, *Cumbe*, selecionada em 2015 pelo “Plano ler +”, para leitura em escolas de Portugal. A *Graphic Novel* Angola Janga, publicada em 2017, retrata a história da “rebelião que se tornou nação”, referência maior da luta contra a opressão e o racismo no Brasil, nela Marcelo desenha e narra personagens negros importantes para Palmares e, conseqüentemente, para a formação histórica nacional. É imprescindível ressaltar a preocupação do autor em nos trazer as raízes de muitas palavras de nossa língua, com sua origem no banto, quimbundo e umbundo, bem como nos demonstrar a complexidade das relações vivenciadas pelos habitantes de Palmares, dentro e fora dos quilombos. O resultado é um épico, no qual o destino do país é decidido em batalhas sangrentas, mas que demonstra a delicada flexibilidade da resistência às derrotas. Apresenta-nos homens e mulheres que compõem o retrato de um momento definidor do Brasil.

Os aspectos religiosos não são o tema central dessa produção, essa é uma obra para se exaltar o protagonismo negro, com personagens negros em primeiro plano, diante de um momento histórico relevante e para mostrar a importância das influências africanas na formação cultural de nossa nação, mas há vários momentos em que esses componentes de cunho religioso, ou místico servem como pano de fundo para a narrativa como, por exemplo, quando retrata o *Sona*, conjunto de símbolos de origem *Tchokwe*, povo que habita o nordeste de Angola e as regiões próximas da República Democrática do Congo e Zâmbia, que fazem parte dos rituais de iniciação dos homens, ou a estátua de *Chibinda Ilunda*, personagem da mitologia *Tchokwe*, símbolo de beleza e força, que foi um marco importante para formação cultural dessas regiões.

Ao concebermos um ser narrativo, com base em Santos e Oliveira (2001), construímos, concomitantemente, seu lugar no espaço, concreto ou abstrato, que comporta toda a gama de

relações a ele necessárias para realização e fruição narrativa. Essa inserção de uma personagem, no contexto da obra, promove não somente o surgimento de outros elementos que irão orbitá-la, mas suscita a elaboração de outros componentes que relativizarão a posição ocupada por esse sujeito ficcional, tais como espaço físico, temporalidade, espaço psicológico, entre outros.

A promoção da individualidade/personalidade se dá exatamente pelo comparativo entre as partes do todo. A princípio, quando concebemos a noção de espaço, logo lhe atribuímos as características do ambiente físico, tendemos a levar para o processo de leitura nossa experiência com a realidade, no entanto, há de se considerar a importância de outros espaços que a ficção nos possibilita visitar, de ordem mais abstrata e subjetiva, carregados de sentidos e significados que não são puramente individuais.

Não podemos falar do processo de escravização sofrido pelos negros sem levar em consideração o espaço posicional ocupado por eles desde que foram trazidos para o Brasil. Foucault (1984) nos apresenta a ideia de que as colônias poderiam ser exemplificadas como “espaço heterotópico de compensação”, esses territórios eram organizados para reproduzir o comportamento humano “perfeito”, com base nos ideais europeus:

Penso também nas extraordinárias colônias de jesuítas fundadas na América do Sul: colônias maravilhosas, absolutamente organizadas, nas quais a perfeição humana era efetivamente realizada. Os jesuítas do Paraguai haviam estabelecido colônias em que a existência era regulamentada em cada um dos seus pontos. A aldeia era repartida segundo uma disposição rigorosa em torno de um lugar retangular no fundo do qual havia a igreja; de um lado, o colégio, de outro, o cemitério, e além disso, diante da igreja, se abria uma avenida que uma outra vinha cruzar em ângulo reto; as famílias tinham cada uma sua pequena cabana ao longo dos dois eixos, e assim se encontrava exatamente reproduzido o signo do Cristo. A cristandade marcava, assim, com seu signo fundamental, o espaço e a geografia do mundo americano (Foucault, 1984, p. 421).

5127

Ou seja, foi uma tentativa de reproduzir uma sociedade branca, europeia, cristã “melhorada”. Considerando tais propósitos, boa parte da implantação e manutenção desse modelo coube aos religiosos que, normalmente, assumiam importantes papéis representativos, valendo-se não somente dos discursos para propagação desse modelo ideal, mas principalmente de símbolos altamente representativos para a religião católica.

A noção de espaço na narrativa, de acordo com Santos e Oliveira (2001), passou por um processo evolutivo no que diz respeito à sua concepção e ao seu nível de abrangência, consoante os autores:

Houve uma época, porém, em especial no âmbito da narrativa, e mais propriamente no do romance tradicional, tal como era praticado no século XIX e princípios do XX,

em que as coordenadas de tempo e espaço eram tratadas de modo estanque pelo sujeito da escrita. O espaço era pensado mais como geografia, território demarcado, do que desdobramento de vivências. Nessa perspectiva, ou se abordava o espaço narrativo enquanto lugar de representações míticas espécie de cenário difuso e desfocado, sintonizado em um eterno presente -, ou, no extremo oposto, pretendia-se focalizar o espaço enquanto região delimitada (Santos e Oliveira, 2001, p. 78).

No século XIX e início do XX, as noções de sujeito e espaço eram apresentadas de maneira estática e, praticamente, contidos em si. A exposição do ambiente tinha como foco a descrição quase que fotográfica do mesmo, valorizando mais os aspectos geográficos que todos os outros elementos sociais que circundavam essas narrativas. Visto por esse prisma determinista, o espaço acaba por engessar a narrativa, dando pouca vazão para outras questões relevantes ao enredo.

Contudo, erraríamos ao tomar apenas essas perspectivas como modo de avaliação ou até mesmo de produção. Tanto o espaço como a associação entre ele e o tempo podem fazer-se importantes na construção do sujeito narrativo, corroborando para uma descrição mais densa, que não se prenderia a ideia de imutabilidade, mas de múltiplas camadas formadoras da história, atravessando o sujeito e reformulando sua forma de conceber e enxergar esse espaço.

Quando vemos o espaço transpassar a ordem do objetivo, sendo parte construtora e definidora do que seria a essência dos personagens, somos levados por Gama-Khalil (2010), através de seu artigo, a tomá-lo por um personagem à parte e de fundamental importância no fio narrativo e na construção de sentido. A transição, ou o não o fazer, por um determinado ambiente pode constituir-se fator definidor do que seria o lugar social ocupado e até mesmo defendido pelos personagens, espaço esse responsável por acomodar as relações de arranjos compreendidas pelos signos linguísticos, servindo como ambiente gerador de significação. A autora nos traz Foucault (2000), para corroborar que não se pode compreender plenamente a linguagem literária, nem os sujeitos representados nelas, sem a análise do espaço envolvido e acomodado pelas narrativas.

Nesse processo, em que as vozes brancas europeias ressoavam por todos os cantos, vozes negras eram silenciadas, para Bertolucci (1997) “Ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”, os quilombos tornaram-se, portanto, essa voz dos silenciados e o retorno às origens africanas, tornando-se espaços de resistência, de luta contra as violências físicas, psicológicas, morais e culturais, incessantemente, experimentadas por eles.

OS ELEMENTOS VISUAIS PARA UMA REFLEXÃO DE ANGOLA JANGA

Os elementos visuais são importantes instrumentos de linguagem presentes na obra Angola Janga. Ramos (2020) escreveu sobre a importância dos elementos visuais para a reflexão, dada a riqueza de informações contidas durante o processo de interação do leitor com a obra, as HQs constituem ótimos recursos para a exposição de ideias, dada à sua completude estrutural. Elas possibilitam não somente a apresentação do conteúdo por meio de textos escritos, mas podem formar narrativas completas com o recurso das imagens, símbolos, situações, expressões corporais e faciais, recortes de cenas, entre outros. Este é um artifício importante que pode ser recriado pelos quadrinhos, mostrando-se extremamente interessante e importante para nosso percurso analítico. A oportunidade que as HQs têm em recriar os elementos e lugares de uma época através dos desenhos, trazer uma perspectiva visual ao leitor é, sem sombra de dúvidas, um atrativo do ponto de vista estético e um facilitador no procedimento analítico. Com isso, o autor consegue demonstrar a importância desse gênero, por muito tempo subestimado e infantilizado, e sua relevância em abordar temas mais complexos:

Em palestras sobre histórias em quadrinhos, em especial nas ministradas a alunos do curso de Letras, a reação do público ao final da exposição é curiosamente a mesma: espanto. A plateia fica impressionada com as inúmeras possibilidades de abordagem que a linguagem dos quadrinhos permite. A impressão de que se trata de “leitura para criança” ou de que seja algo de menor importância é substituída por um profundo respeito e pela vontade de aprofundar no tema. (Ramos, 2020, p. 84).

5129

Mesmo que venha conseguindo uma visibilidade considerável ao longo dos últimos anos, os quadrinhos ainda carregam, por parte de alguns leitores e até de alguns estudiosos, essa imagem de um gênero voltado exclusivamente para o público infantil. Desse modo, estudos acadêmicos que sejam voltados para desmitificar essa visão são de suma e total relevância.

Com exceção daqueles nascidos no Brasil, todos que para cá vieram, por vontade própria ou não, já traziam consigo um papel social e funcional das sociedades das quais faziam parte, essas identidades primárias e culturais se prolongam para o campo religioso. De acordo com Munanga (2012), a identidade pode ser categorizada como a definição de um grupo, baseada em atributos culturais, históricos, linguísticos e psicológicos que diferenciam esse grupo de outros. O mesmo autor afunila esse conceito para a construção de uma identidade negra, formada em um contexto multicultural, destacando sua importância histórica e cultural. Há uma necessidade de resgatar a história e a autenticidade da comunidade negra, desconstruindo

narrativas negativas e reconstruindo uma visão positiva da contribuição cultural dos afrodescendentes. A identidade negra não é apenas uma questão de pigmentação da pele:

É importante frisar que a negritude embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. (Munanga, 2012, p. 12)

Portanto, essa é uma questão histórica e social, marcada pela resistência e solidariedade entre aqueles que foram vítimas de desumanização e discriminação. A identidade pode ser construída tanto pela própria comunidade, mediante uma “autodefinição” ou “autoatribuição”, quanto atribuída por outros grupos, através de uma “hétero-definição” ou “hétero-atribuição”. Essa construção da identidade coletiva é influenciada por contextos sociais, políticos e históricos, e pode ser uma ferramenta de resistência e mobilização política para grupos marginalizados na sociedade.

A discussão sobre a origem da palavra "religião" é um campo de batalha linguística que remonta à antiguidade. Duas raízes latinas estão em disputa: *relegere* e *religare*. *Relegere* sugere que "religião" deriva do verbo *relegere*, que significa "reler, visitar, retomar o que estava largado". Nesse contexto, a religião envolve a incessante releitura e interpretação dos textos doutrinários. Também pode ser vista como uma retomada da dimensão espiritual da qual a vida terrena tende a afastar os seres humanos. *Religare*, popularizada por etimologistas românticos, liga "religião" ao verbo *religare*, que significa "religar, atar, apertar, ligar bem". Essa interpretação poética sugere que a religião reata os laços entre a humanidade e o divino. Cabe aqui destacarmos a distinção entre religião e religiosidade desenvolvida pela professora Elizete da Silva:

Entendemos a religião e a religiosidade como formas de expressão do sagrado, as quais mantêm estreitos vínculos com os demais elementos constitutivos de um sistema cultural e têm se manifestado com variadas nuances e matizes ao longo da História. Nessa perspectiva, destacamos dois conceitos muito discutidos: religião e religiosidade. E qual a diferença básica? A religião é a instituição. É o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia, as doutrinas. E o que é a religiosidade? São as vivências, os sentimentos, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel. (Silva, 2010, p. 105).

Esses conceitos, embora relacionados, representam diferentes aspectos do fenômeno religioso. O cientista das religiões deve compreender e distinguir essas dimensões ao analisar e estudar o campo religioso, reconhecendo a interação entre instituição e prática religiosa individual.

Silva (2011) nos contempla com um ponto fundamental que diferencia algumas crenças religiosas africanas daquelas cristãs:

As concepções de religiosidade africana e afro-brasileira, aqui incluída a ideologia da feitiçaria (...) operam com o fenômeno da religiosidade com um sentido sociológico distinto, isto porque a religião para os adeptos dessas concepções é parte de sua experiência histórica, e as práticas religiosas obedecem a variantes culturais e étnicas ancestrais, por conseguinte, as escolhas religiosas não estão restritas à vontade ou desejo dos indivíduos. (Silva, 2011, p. 201-202).

A escolha religiosa não é privativa do indivíduo, para algumas variantes da religiosidade africana, é um processo cultural obrigatório, imposto por elementos ancestrais, pois são as forças espirituais que comandam suas ações. Tendo em vista que as religiões cristãs pressupõem uma ideia de individualidade e de escolha, esse conflito de interesses e culturas não seria bem aceito nesse espaço ocupado por negros, pretendido como de perfeita reprodução da cultura europeia.

Considerando que os processos de dominação foram, em larga medida, conduzidos pelas lideranças religiosas, era mais do que necessário extirpar as bases que solidificassem a noção de identidade desses indivíduos dominados. A escravidão no Brasil, que durou mais de três séculos, foi um sistema de exploração brutal e desumano que deixou marcas sociais profundas, tendo tanto a religião quanto a religiosidade, desempenhado um papel complexo nesse processo, servindo ora como instrumento de dominação, ora como meio de resistência para os escravizados. A religião, com seus rituais, símbolos e crenças, foi usada pelos colonizadores como uma ferramenta para impor sua ordem social e cultural. Os escravizados africanos eram forçados a se converter ao catolicismo ao chegarem ao Brasil. No entanto, muitos continuaram a praticar suas tradições religiosas africanas dentro do quadro católico, criando assim uma forma simbólica de resistência. O poder simbólico da religião foi usado para legitimar a escravidão. A Igreja Católica, por exemplo, apoiou a escravidão até o século XIX.

A religião, descrita por Bourdieu (2012) como um dos três elementos estruturantes dos sistemas simbólicos, deu aos escravizados uma forma de poder simbólico, as tradições religiosas africanas, como o Candomblé e a Umbanda, apresentaram-se como forma de expressar sua identidade cultural e resistir à dominação cultural europeia, sendo o espaço físico dos quilombos a possibilidade onde isso ocorresse sem a repressão severa da igreja católica. A escravidão era uma forma de dominação simbólica, na qual a ordem social estabelecida era aceita como natural. Ajustados com as ideias de Bourdieu:

As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes). (Bourdieu, 2012, p. 10).

A religião desempenhou um papel crucial nesse processo, com destaque para as situações em que a doutrina cristã serviu como justificativa para a escravidão. No entanto, a resistência simbólica através da religião permitiu aos escravizados rejeitar essa ordem e afirmar sua humanidade. Ela foi uma força dupla na escravidão no Brasil, usada tanto para reforçar a dominação quanto para resistir a ela. Foi mediante o uso de símbolos religiosos e do poder simbólico da religião que os escravizados foram capazes de resistir à dominação e afirmar sua identidade cultural.

Constantemente, observamos na HQ a evocação e uso de símbolos religiosos, mostrados como instrumentos importantes para a aceitação, mesmo que ínfima, dos escravizados num determinado círculo, ou validando seu papel social. A religião exerceu o papel de “domesticadora” desses indivíduos, reforçando e validando a violência sofrida por eles. Nessa mesma linha de raciocínio, vemos que o simbolismo de abandono dos elementos opressores do colonizador, a busca pela identidade e por um ambiente que comporte as suas origens e crenças, também passa pelo viés religioso, tendo muitas vezes esse processo de liberdade metaforizado por ações de negação aos símbolos religiosos desse colonizador.

5132

A análise da obra *Angola Janga* de Marcelo D'Saete e a contextualização teórica revelam a complexidade das relações entre religião, poder e dominação na história da escravidão no Brasil. A HQ foi um ambiente propício para conseguirmos destacar alguns aspectos religiosos que serviram como instrumento de opressão e como meio de resistência para os escravizados, evidenciando a luta pela preservação da identidade cultural e pela busca da liberdade.

Considerações Finais

O estudo que está sendo realizado sobre o papel do simbolismo religioso na obra *Angola Janga*: uma história de Palmares permitiu uma profunda reflexão sobre as relações de poder, dominação e formação cultural no contexto da escravidão no Brasil. Ao longo dessa investigação, é possível perceber como os elementos religiosos, tanto verbais quanto não verbais, foram utilizados como ferramentas de controle e legitimação do poder colonial,

silenciando vozes negras e apagando suas identidades culturais. Ao examinarmos a obra e o contexto histórico da escravidão relacionada à raça negra, fica evidente a importância dos quadrinhos como uma forma de expressão artística e narrativa que possibilita uma reflexão crítica sobre questões sociais e culturais.

Através da escolha cuidadosa de referências teóricas, como Bourdieu (2012), Foucault (1984), Ramos (2020), Bertolucci (1997) e Silva (2011), foi possível embasar a compreensão dos mecanismos de dominação por meio da religião e como ela influenciou a formação da identidade dos personagens na obra. A maneira como a formação da identidade nacional, marcada pela diversidade cultural e religiosa trazida pelos povos africanos escravizados, foi ressaltada apresenta elementos fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira atual.

Desta maneira, é fundamental destacar a relevância desse estudo para ampliar a compreensão sobre a formação cultural e religiosa do povo brasileiro. Ao reconhecer e valorizar as contribuições dos povos africanos na construção da identidade nacional, podemos promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com suas diferentes manifestações culturais e religiosas. Esperamos, com isso, que este trabalho possa contribuir para um modo de pensar mais abrangente sobre as relações de poder e dominação no Brasil, incentivando o resgate e a preservação da diversidade cultural do nosso país.

5133

Referências

BERTOLUCCI, Cely. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 7-15.

D'SALETE, M. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017. 432 p.

FOUCAULT, M. Ditos e Escritos III. In: BARROS DA MOTTA, M. (Org.). **Outros Espaços** (Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **O LUGAR TEÓRICO DO ESPAÇO FICCIONAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS**. *Revista da Anpoll*, v. 1(28), p. 213-236, 24 jun. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MUNANGA, K. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 4 abr. 2024.

RAMOS, Paulo. Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Os Quadrinhos em Aulas de Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 83-85.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pêsoa de. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**: introdução a teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 67-93.

SILVA, Elizete da. **Configurações históricas do campo religioso brasileiro**. In: DIAS, André L. M.; NETO, Eurelino, T. C.; LEITE, Márcia Maria da S. B.(orgs.). História, cultura e poder. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

SILVA, V. S. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 35, p. 201-215, jan./jun. 2011.



Camillo Prisco Santos Oliveira

Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB; camilloprisco1984@gmail.com; <http://lattes.cnpq.br/649237779744855>; <https://orcid.org/0009-0009-8285-9444>.



Valquíria Dias de Almeida

Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Mestra em Educação – UESB. Doutoranda em Educação - UESB. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VI; vda.dias1506@gmail.com; <https://lattes.cnpq.br/25044759700333146>; <https://orcid.org/0000-0002-1710-7598>.